



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



## **Construção da aldeia de bambu e o saber agroecológico**

*Building agroecological knowledge and the aldeia de bambu*

SANTOS, Filipe Peixoto

Universidade Federal de Viçosa, santos.fpeixoto@gmail.com

### **Tema gerador:** Construção do Conhecimento Agroecológico

#### **Resumo**

Desde 2009, anualmente, realiza-se na Universidade Federal de Viçosa o evento Troca de Saberes, território de resistência da agroecologia, que reúne durante três dias agricultores/as, estudantes, dentre outros atores. Desde 2013, para abrigar parte do evento, constrói-se estruturas de bambu, denominadas em seu conjunto Aldeia de Bambu, o que trouxe uma nova identidade estético visual à Troca. O trabalho de construção da Aldeia é uma grande oportunidade para o aprofundamento do conhecimento agroecológico. Ele é pensado e orientado a partir de uma perspectiva pedagógica que envolve dimensões técnica, política e social.

**Palavras-chave:** Mutirão; Troca de saberes; Interdisciplinaridade.

#### **Abstract**

Since 2009, the event Troca de Saberes takes place annually as an agroecological territory of resistance. It is organised at the Federal University of Viçosa during three days with the participation of farmers, students, professors and other actors. Since 2013, to host the participants, structures of bamboo, called Aldeia de Bambu, are built which gave a new aesthetic identity to Troca. The work to build the Aldeia is oriented under a pedagogical perspective that involves technical, political and social spheres.

**Keywords:** Mutirão; Knowledge exchange; Interdisciplinary

#### **Contextualização**

A Troca de Saberes acontece uma vez por ano no campus da Universidade Federal de Viçosa com a participação de diversos atores, entre eles professores, estudantes e agricultores. O evento é organizado em articulação com bases populares com o principal propósito de servir como um momento de trocas entre o saber científico e o popular na construção do conhecimento agroecológico, se propondo ao desafio de estabelecer diálogos entre sociedade e universidade. Por suas bandeiras, sua estética e seu processo de construção, o local de realização do evento se transforma em um local de resistência e luta dentro da UFV, onde os movimentos sociais, trabalhadoras e trabalhadores rurais têm voz e oportunidade de se posicionar e expor suas reivindicações e prioridades. Este contraste torna-se ainda maior pois o evento ocorre concomitantemente com a Semana do Fazendeiro, sendo este marcado por ser um dos maiores eventos do agronegócio do país que historicamente marginaliza a agricultura familiar, colocando em foco a produção em larga escala.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



No período da Troca e pré-troca as ações das diversas organizações que compõe o movimento agroecológico de Viçosa se articulam e trabalham em conjunto, sinergicamente, em prol da Troca. O evento é portanto um momento de forte expressão da agroecologia na região da Zona da Mata, onde as experiências e os trabalhos das diversas frentes juntamente com os das comunidades envolvidas são socializados, apresentados e apreciados, evidenciando e dando visibilidade para a construção da agroecologia, principalmente na Zona da Mata mineira. Isso é de suma importância visto que no dia a dia, muitas ações ocorrem isoladas umas das outras ainda que geograficamente vizinhas, sendo também um momento propício para o fortalecimento das articulações locais.

Os grupos de agroecologia desempenham um importante papel nesse processo, contribuindo para a formação política e técnica dos indivíduos que compõe os coletivos. São nesses grupos que muitos têm seu primeiro contato com tecnologias alternativas, com a construção do conhecimento no exercício do trabalho, fazendo a ponte da teoria com a prática. O trabalho prático é muitas vezes realizado por meio de mutirões, gerando um ambiente fértil para a troca de conhecimentos e o desenvolvimento de uma identidade coletiva. Dentre as atividades realizadas pelos grupos destaca-se o trabalho com técnicas de bioconstrução e mais especificamente as envolvem o uso do bambu. As técnicas utilizadas são aperfeiçoadas a cada ano, e a partir do ambiente de interação construído, o conhecimento é passado de pessoa a pessoa, se fortalecendo e perpetuando no Contexto da Troca de Saberes.

A Troca acontece desde 2009 mas somente em 2013 o bambu veio a ser usado na construção das estruturas. Isso se deve à necessidade do evento se tornar mais autônomo, sem depender de estruturas convencionais, como barracas metálicas cobertas por lonas plásticas, muitas vezes viabilizadas por mão de obra terceirizada. O surgimento do Grupo de Estudos em Bambu também contribuiu de forma significativa para o design e implementação das estruturas buscando aprofundar os estudos sobre técnicas de construção com o bambu, trazendo inovações e ao mesmo tempo resgatando práticas tradicionais, como o pau-a-pique. Em 2013, o bioconstrutor Marcos Mandala da escola Vela Tropa, de Garopaba, foi convidado a dar oficinas na Troca e propôs a construção de estruturas circulares utilizando bambu inspiradas em moradias de diversos povos ancestrais. As estruturas proporcionaram uma estética completamente nova ao espaço, que desde então sempre incorporou (e aperfeiçoou) as técnicas e construções nos anos seguintes.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



## Descrição da experiência

Os trabalhos com bambu no âmbito da Troca de Saberes não se resumem a ações técnicas isoladas de um Contexto maior. Pelo contrário, as ações trazem uma perspectiva pedagógica como pano de fundo, que permeia e orienta suas ações. Este compromisso com a construção do saber no exercício da prática exige um reordenamento das prioridades e dos processos de tomada de decisão do grupo, demandando atenção e sensibilidade por parte dosicineiros e facilitadores dos espaços. É necessário portanto, envolver e valorizar o conhecimento dos sujeitos que participam das atividades, identificando como e o quão estão inseridos e familiarizados com o Contexto e as práticas. .

Este “pano de fundo” pedagógico ganha um caráter diferenciado quando se considera em qual ambiente as atividades foram sonhadas, gestadas e concebidas: o programa de extensão interdisciplinar: TEIA. Dessa forma as ações passam a ser planejadas e articuladas dentro de uma perspectiva da auto-gestão e horizontalidade. O conhecimento transmitido acerca do bambu assim como as discussões que permeiam a Troca de Saberes, não têm um fluxo unidirecional com conteúdo pré-definidos e imposto aos participantes. O trabalho é construído coletivamente nas reuniões semanais onde as pessoas envolvidas, sempre sentadas em círculo, conversam, ouvem experiências passadas, são lhes apresentado as comissões, os movimentos sociais parceiros, histórias marcantes que já ocorreram, as figuras carismáticas, a história do surgimento do TEIA, e pouco a pouco vai se construindo o sentido da Troca. As pessoas vão se ambientalizando, familiarizando e se inserindo nas comissões que mais se identificam, sendo o trabalho estrutural com os bambus uma delas.

A horizontalidade funciona de certa maneira como condição para que ocorra uma co-participação. Isso implica assumir, valorizar e incorporar os diversos saberes e visões de mundo que os sujeitos trazem consigo, contextualizando e relacionando estes saberes com as atividades em questão. Para que ocorra efetivamente esta horizontalidade é preciso que se tenha sempre a socialização dos saberes, das informações tanto técnicas quanto organizativas à cerca das questões que precisam ser decididas. Neste sentido a horizontalidade é percebida quando se aflora a autonomia por parte dos participantes de propor e, principalmente, de escolher como vão se dar os trabalhos, quer seja na Metodologia usada, quer seja na escolha de qual estrutura fazer.

A auto-gestão é, portanto, a própria co-participação acontecendo, não somente no nível de mera reprodução das técnicas, mas também no exercício das reflexões e questionamentos da prática. Neste sentido co-participar na perspectiva da auto-gestão envolve muitas vezes re-significar as práticas à luz de uma teoria ou de um significado maior,



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



envolve contextualiza-las em conjunturas políticas, econômicas e sociais. Busca responder a pergunta: frente ao que está acontecendo no mundo, no país, no meu município como a prática com bambu atua de forma a melhorar a vida das pessoas? É nessa dimensão em que a auto-gestão ocorre verdadeiramente. Sem estes questionamentos as atividades caem em um automatismo que não abrange o compromisso social que é fundamental à agroecologia e, portanto, à construção do saber agroecológico.

Para isso é fundamental o uso de Metodologias que incentivem a horizontalidade e auto-gestão. Estas não brotam espontaneamente, as relações humanas não concorrem “automaticamente” para isso. O ser humano é sempre um ser socialmente inserido e historicamente condicionado, as relações se dão em um Contexto de profundas assimetrias socioeconômicas e culturais que quando negligenciadas não se chega a inserção dos sujeitos no seguimento das atividades. É preciso que haja um planejamento dos espaços imbuído de intenções que almejem a participação das pessoas, que garanta direito à voz e de serem escutadas, que sintam suas perspectivas acolhidas, que sintam por fim que sua presença é importante para o trabalho coletivo. As Metodologias como as Instalações Artístico-Pedagógicas, Círculo dos Sonhos, *Karrabirt*, Rodas de Conversa, Círculo de Cultura são ferramentas utilizadas na construção da Aldeia de Bambu que consideram o contraste nas relações socioculturais pois garantem o direito de voz, de sonhar, discordar, complementar e opinar.

É preciso sempre um compromisso firme com estes momentos de conversa no coletivo, eles precisam de fato co-orientar as atividades (para que a práxis não vire somente prática). Isso torna-se um desafio quando se tem a meta de cumprir todo o trabalho técnico prévio imprescindível às estruturas de bambu: desde o planejamento estrutural, a colheita, transporte, passando pelo tratamento, corte das peças, confecção dos encaixes, dos andaimes, até a montagem das estruturas e posteriormente o desmonte das mesmas. Quando consideramos o “pano de fundo” pedagógico como co-orientador do processo, tudo isso deve ser redimensionado e a ansiedade de se construir uma Aldeia de Bambu maior, com maior número de estruturas atraentes, com um acabamento melhor, com técnicas mais elaboradas, deve ser controlada e ceder espaço/ tempo e atenção em como está se dando a construção do saber em meio ao processo. Perceber o paralelo de como a Aldeia está sendo construída para a Troca de Saberes, e como os sujeitos que a viabilizam estão construindo o entendimento sobre a própria Aldeia com suas individualidades. Nenhum tempo é perdido quando destinado ao diálogo, a problematização e a crítica. Os sujeitos envolvidos promovem-se a verdadeiros sujeitos da transformação. As conversas demoradas não são demoras, nestes momentos estão se construindo relações de segurança, autoconfiança, inter-confiança



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



que se ganha em solidez (FREIRE, 1985), indispensável à manutenção das atividades em todo o processo e assegurando a propagação do trabalho nos anos seguintes, o que não aconteceria se não houvesse os momentos de diálogo.

## **Análise**

A Aldeia de Bambu configurou um outro aspecto à Troca de Saberes, foi um salto qualitativo em relação às edições anteriores, conferindo uma identidade visual pela estética diferenciada que as estruturas proporcionam e pelo impacto causado aos participantes do evento e aos que somente passeiam pelo local. É uma oportunidade de se apresentar algumas das inúmeras potencialidades de um hábito ainda bastante incipiente: o uso do bambu.

Ele é um material muito versátil, é uma planta pouco exigente, além de estético possui características estruturais atraentes, flexibilidade, resistência mecânica, pouco peso, podendo substituir a madeira e o aço, sendo um material com baixo custo econômico e de técnicas relativamente simples. Além das estruturas é possível produzir artesanatos, brinquedos e os brotos podem ser utilizados na alimentação humana e animal. Apesar de ser utilizado no meio rural, o bambu ainda é estigmatizado, sendo restrito a usos secundários ou construções temporárias, principalmente pela falta de acesso à informação técnica e científica acerca de suas propriedades.

A Aldeia de Bambu que permeia todo o espaço e tempo da Troca de Saberes pode ser considerada uma grande Instalação Artístico Pedagógica permanente. Ela é pensada de forma que suas estruturas sejam harmoniosamente distribuídas no espaço, juntamente com artesanatos, utensílios, painéis, lixeiras, balaios e muito mais (todos feitos do bambu). Os elementos provocam o interesse de muitas pessoas e suscitam conversas sobre o bambu, sendo este também um importante momento da construção e da troca dos saberes.

A principal forma de trabalho na pré troca e durante a Troca são os mutirões, onde se vigora de forma muito mais perceptível as relações de solidariedade e o sentido de comunidade. Tudo isso cria uma atmosfera que envolve as pessoas facilitando os diálogos pois possibilita uma linguagem comum a sujeitos que se encontram em Contextos socioculturais diferentes, diminuindo as barreiras que separam os saberes científicos e os saberes populares. Não é raro quando alguém, espontaneamente, se sente à vontade de contar o quanto se interessa por toda aquela atividade, o quão surpresos ficam de ver a simplicidade das técnicas, as boas lembranças que ali foram evocadas e isso geralmente se estende a conversas que aprofundam as questões levantadas na Troca.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



Algumas das estruturas que foram construídas são: Yurte, Tipi, Geodésica frequência 1 e Geodésica frequência 2, Paraboloide Hiperbólico e dois modelos de banheiros seco além de vários outros acessórios e equipamentos desenvolvidos como o bambu integral, uma espécie de andaime. Todas essas técnicas atualmente sabidas pela nova geração de construtoras e construtores formados nas atividades das Trocas passadas. Isso é uma evidência de como tem sido eficiente a construção do saber técnico por meio da prática, evidencia também a importância das rodas de conversa e o quanto proveitoso é em longo prazo o tempo investido em dialogicidade, conferindo solidez para o processo educativo. Na derradeira versão, em 2016, o coletivo que esteve à frente da construção das estruturas foi formado por pessoas que em sua maioria não estavam à frente nas versões da Troca de 2013 e 2014, o que mostra que o saber fazer foi passado adiante, as técnicas não se perderam mesmo considerando-se a alta rotatividade de pessoas, característica comum aos grupos estudantis. A horizontalidade e a auto-gestão nas atividades também se mostraram como uma importante estratégia para se garantir a transmissão dos saberes às pessoas que asseguraram a construção das estruturas nos anos seguintes.

### **Agradecimentos**

Meu maior agradecimento é para os companheiros e companheiras que compartilharam seus saberes nos mutirões na lógica da gratuidade e solidariedade. Foi com e por eles que vivenciei e pude perceber como o trabalho pode ser pedagógico e servir como instrumento de libertação. Com carinho também agradeço às pessoas que firmaram o programa TEIA, nele entendi a importância de se preparar metodologicamente um espaço para a prática libertadora.

### **Bibliografia**

BARBOSA, Willer A; GRUPIONI, Christina; et al Gramado-escola na Troca de Saberes: aldeia de bambu e ressurgência Puri.SNEA; 2016; Seropédica-RJ.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação; 1985

GHAVAMI, K.; MARINHO, A. B. Determinação das propriedades dos bambus das espécies: mosó, matake, guadua angustifólia, guadua tagoara e dendrocalamus giganteus para utilização na engenharia. PUCRJ – Departamento de Engenharia Civil, 2001.